

CONTOS
E NOVELAS
TODA A FICÇÃO CURTA DE
**CAMILO
CASTELO
BRANCO**
VOLUME II

ORGANIZAÇÃO · INTRODUÇÃO · NOTAS
HUGO PINTO SANTOS



Índice

Introdução	11
CENAS INOCENTES DA COMÉDIA HUMANA – 1863	25
Promessa cumprida	27
Três médicos	35
O padre Manuel de Macedo e a Zamperini	52
A mulher da Azinhaga	57
Mulheres celebradas e esquisitas	67
O maior amigo de Luís de Camões	79
Heloísa e Abelardo	94
A carteira de um suicida	100
Trezentos mil cruzados por um dente	120
O tormento da memória	124
A rainha das Maldivas	131
À urna	136
Post-scriptum	149
NO BOM JESUS DO MONTE – 1864	157
Recapitulação	262

VINTE HORAS DE LITEIRA – 1864	269
Introdução	271
I Introdução à história da égua	275
II A égua que salva	280
III Maldito seja entre vós aquele que jogar	287
IV A conteira	295
V História das janelas fechadas há 30 anos	308
VI A cruz do outeiro	321
VII A gratidão	329
VIII Os tesouros do príncipe turco	336
IX O enjeitado	343
X O ermitão	356
XI Amor paternal	367
XII História de um brilhante	373
XIII A minha história	394
XIV Os percevejos de Baltar	401
XV Os amores de Teresa	408
XVI Amor de freira	415
Conclusão	421
Epílogo	432
COUSAS LEVES E PESADAS – 1867	445
Um parente de cinquenta e três monarcas	447
Escuminhão	455
AS VIRTUDES ANTIGAS OU A FREIRA QUE FAZIA CHAGAS E O FRADE QUE FAZIA REIS – 1868	457
Um poeta português... rico	459

ÍNDICE

Razão da obra	461
A freira que fazia chagas	463
O frade que fazia reis	505
Apêndice às virtudes antigas	539
A filha do pasteleiro do madrigal	541
Um poeta português... rico!	552
VOLTAREIS, Ó CRISTO? – 1871	563
A INFANTA CAPELISTA – 1872	581
O CARRASCO DE VICTOR HUGO JOSÉ ALVES – 1872	657
I A luveira da Rua Nova da Palma	659
II Perfil de Victor Hugo José Alves	666
III D. Rosenda	675
IV O estômago de Victor Hugo	681
V O coração de D. Rosenda	685
VI O santo coração de filha	689
VII Os três contos de réis	697
VIII Raul	708
IX Damião Ravasco	720
X Fruta do Brasil	729
XI Solemnia Verba	740
XII Explosão de amor	747
XIII Desastre do gatuno	754
XIV A vingança	761

CAMILO CASTELO BRANCO

XV A prole de D. Afonso VI	769
XVI Ressurreição de uma alma	779
Conclusão	784
Epílogo	792
Apêndice	
NO BOM JESUS (de Boémia do Espírito, 1886)	793

UM PARENTE DE CINQUENTA E TRÊS MONARCAS

I

Um destes dias fui a Braga.

Pedi ao meu ilustrado amigo João de Mendonça que me ensinasse o caminho duns paradeiros de livros velhos, os quais, envergonhados da luz gasosa deste tempo, como que se enfunam na escuridão dos sótãos da cidade dos brácaros.

O meu amigo, já também infeccionado do vírus bibliómano, conhecia perfeitamente as luras dos honrados portugueses de há trezentos anos, que, envoltos nas suas alvacentas mortalhas de pergaminho, nos aparecem como espectros acusadores, e particularmente a mim, increpando-me de uns folhetos e librecos⁽¹⁾ com que me ando, há vinte anos,apestando a língua e as almas.

Visitámos a primeira caverna situada lá muito ao fundo da Rua de Água. O claviculário daquele tesouro estava jogando a sua bisca

(¹) Assim na 1.^a ed. (Em Casa de Luís José d'Oliveira – Editor, Porto, 1867), única feita em vida de Camilo, bem como na ed. Parceria (Fixação do texto por Maria Joaquina Nobre Júlio. Nota preliminar por Fernando Castelo Branco. Parceria A. M. Pereira, Lisboa, 1971). Possível «latinismo» corrompido? Em latim, há «libellus», «pequeno livro», palavra usada por Catulo, a abrir os seus Carmes: «A quem dedicarei este novo e bonito livrinho (...)?» *Carmina*, Livros Cotovia, Lisboa, 2012, trad. José Pedro Moreira e André Simões. Ou simples interferência do sotaque nortenho (que Camilo não teria, conforme já se disse) em «livreco»? [nota do organizador].

lambida e mais três parceiros. Não obstante, assim que no grave porte de nossos espíritos lhe demonstrámos o intento de negociar livros, interrompeu o homem a busca, não sem observar aos parceiros adversos que não podia perder com o sete de trunfo e a sota nas unhas.

Levados ao recôncavo d'um sobrado coevo das edições de Manuel de Lira, pedimos ao bibliófilo que nos mostrasse as supremas raridades.

— Clássicos? — perguntou ele, acabando de enfiar as mangas da jaqueta.

— Sim, senhor.

— Aqui está um grande livro! — voltou ele, trazendo um infólio da estante pulverulenta.

Era a vida de Santo António de Lisboa, escrita pelo médico Brás Luís de Abreu, e mais exactamente intitulada: *Sol nascido no ocidente e posto ao nascer do sol*.

— Este livro não é clássico — observei eu.

— É sim, senhor! — teimou o sujeito. — Posso mostrar-lho, se quiser, no catálogo da Academia.

— Duvido, peço licença para duvidar — repliquei.

— Pois saiba que é clássico... Eu cá tenho as minhas razões.

Não tive razões que contrapor às do homem, e dei supina prova da minha ignorância, não querendo o clássico por dinheiro nenhum.

— Olhe se tem outro.

Recolheu-se o homem a uma lura interior e saiu com outro infólio, clamando:

— Este é o melhor livro que há no mundo! Diga-me se este não é clássico?

— Sim, senhor: *A conspiração universal de fr. Pedro Correia* é bom livro; parece-me, porém, que não será o melhor do mundo. Quanto quer vossemecê por ele?

Entrámos em ajuste. Foi debatido com razões de bom tomo de parte a parte. Eu citava o dicionário do sr. Inocência em meu favor; ele praguejava contra o abalizado escritor, acoimando-o de herege⁽²⁾ e ateu porque «pusera pelas portas da morte o preço dos livros de religião». Afinal, o detraidor do sr. Inocência (detraidor

(2) Na ed. Parceria, «hereje», com «j»... [nota do organizador].

que não é o mais alarve de todos) deu-me o livro melhor do mundo por 1\$500 réis.

— Que mais tem?

Citou-me e mostrou-me livros que eu tinha e outros que não queria ter.

— Quer ver uma obra de que não há segunda em todo o reino? — perguntou ele. — Já está vendida, mas sempre quero que a veja.

E desceu não sei a que subterrâneo da casa. Voltou com um livro em 8.º, em latim, impresso no século XVI. Era um tratado de teologia polémica com os turcos, coisa a meu ver digna de ser posta como contrapeso na balança de quem quisesse arredondar a venda de uma arroba de bons livros a 20 réis o arrátel.

— Este livro, disse o adversário dos maometanos, mostra que os hereges⁽³⁾ da Turquia são uns malvados. É o livro melhor que há no mundo! Eu cá tenho as minhas razões. O Inocêncio diz que nunca vira livro nenhum como este.

— Onde diz isso o Inocêncio? — perguntei.

— É na obra que ele fez.

— Não pode ser, queira perdoar.

— Se quer, eu provo-lho. Diz ele que isto é o melhor livro que há no mundo. Aqui onde o vê, vendi-o por duas coroas.

— Fez vossemecê muito bem.

O meu amigo Mendonça não olhava com a sisudeza competente para o homem: ria-se dele como de um tolo; mas eu não sei doutro mais esperto que soubesse encampar o livro dos turcos por dez tostões, caluniando atrozmente o meu amigo Inocêncio Francisco da Silva...

Da Rua de Água fomos ao Campo de S. Tiago à livraria do sr. padre Fortunato, pessoa inteligente, que conhece o *Dicionário Bibliográfico* e vende os livros pelo duplo dos preços cotados naquele directório de compradores, que os livreiros desadoram e encomendam ao diabo.

— Aqui está um manuscrito, que se vende por 800 réis — disse o sr. padre Fortunato.

⁽³⁾ Ver nota anterior [nota do organizador].

Abri; e no centro do frontispício formado por um brasão a cores sofrivelmente pintado, li: *Aparato genealógico de António Manuel de Antas de Vasconcelos e Castro*.

Folhiei à pressa e vi muitos brasões, intercalados nas páginas manuscritas. Comprei o livro, por me parecer bonito e barato.

Coloquei este manuscrito na secção dos fabulários e outras obras curiosas de invencioneiros; porque, a meu juízo, novelas e genealogias pertencem à mesma pauta, e suspeito de que o conde de Barcelos não cede em fantasia ao autor das *Proezas da Segunda Távola Redonda*.

Ontem, como quer que o ânimo enfasiado de leituras intumescentes me fugisse para os almargeais floridos da imaginação, abri o *Aparato genealógico* e, logo às primeiras linhas, entendi que tinha diante de mim cousa⁽⁴⁾ séria e atendível.

António Manuel de Antas de Vasconcelos e Castro é o compositor do seu próprio aparato; não obstante, as autoridades em que se estriba são de tal tomo que não deixam gretar a veridicidade da prosápia. Tais são: o conde D. Pedro no *Nobiliário*, Mariana na *História de Espanha*, Carvalho na *Corografia*, Brandão na *Monarquia Lusitana*, Salazar na *História da Casa de Lara*, o *Livro Velho das Linhagens*, etc.

Rebenta a fronde dos Antas no tronco real do rei godo Amalarico, aos 515 anos de Cristo. Vê-se que a família é antiga; mas há aí fidalgas vaidades que vão mais longe. Há sujeitos que iriam procurar as ruínas do seu solar no Paraíso Terreal, se não receassem encontrar o seu penúltimo avô na pessoa de Caim. Honrado receio!

Ora haveis de saber que o rei godo Amalarico fez D. Liuba, que fez o rei santo Hermenegildo, que fez D. Atanagildo, que fez D. Ardevasto, que fez D. Ervígio, que fez D. Vermui⁽⁵⁾, que fez D. Ramiro, que fez D. Ordonho I, e este fez o II, que fez D. Alboazar, que fez D. Trastamiro, etc. Que nomes estes com um neto chamado António Manuel!

⁽⁴⁾ Como já se tem aqui anotado, Camilo oscila entre «ou» e «oi», mas, num livro chamado *Cousas Leves e Pesadas*, parece adequado usar «cousa» [nota do organizador].

⁽⁵⁾ Um rei que o leitor poderá reconhecer de *No Bom Jesus do Monte* e de *Vinte Horas de Liteira*, presentes neste volume [nota do organizador].

Aqueles e outros reis e grandes senhores se foram sucessivamente fazendo até ao quadragésimo primeiro descendente daquele Amalarico, o qual descendente acertou de ser António Manuel, que nasceu em 1794, e escrevia o seu *Aparato* em 1835.

No discurso de dez séculos, a geração dos Antas cruzou-se com as principais das Espanhas. São notáveis os nomes das damas, flores que matizaram as ramagens daquele venerabilíssimo tronco. Temos uma D. Luibigtahona, uma D. Ortiga, uma D. Mêndola, uma D. Longuida, outra D. Erveleida, três Sanchas, seis Urracas, algumas Froilas, duas D. Maiores, casadas com vários Mens, Fernões, Soeiros, Fruelas, e outros. Destes enlacs e transfusões sanguíneas resultou ornamentar-se de egrégios apelidos António Manuel; por maneira que, se ele arrotasse postas de fidalguia, poderia, segundo assevera, e nós acreditamos, assinar-se Antes de Vasconcelos e Castro Barbosa Bacelar Correia Calheiro Eça e Cunha Malheiro Pita Carvalho Fonseca Fafes Coelho Lira Coronel de Novais Góis Rego Valadares Pimentel Machado Soares de Tangil Abreu e Melo. E acrescenta epilgando: «Por tanto (trasladamos gramatical e ortograficamente, por nos parecer um desacato qualquer alteração), por tanto bem à haver neste livro e no sangue do Autor, além d'Outros muito mais, que se não escreverão, os Títulos seguintes: Reis 53 – Infantes 14 – Duques 45 – Condes 38 – Alcaldes 39 – Somão Títulos 149. Além de Marqueses, Viscondes, Ricos-Homens, Condessas, Viscondessas, Rainhas, Infantas, Generais, Arcebispos, Bispos, Santos, Meirinhos-mores, etc.»

E, em novíssimo epílogo diz a pág. 188:

«Pelas armas do Autor deste livro que Ficção no princípio deste, e pelos mais Escudos que ficção a f. 94 v. até 109, e a f. 183 até 186 se mostra troncar com todas as famílias que estão neste escritas como se vê na nota do Index a f. 80 e 80 v. e etc. Portanto o Autor hé descendente de todos os Reis de Portugal, da Espanha, da França, e de todas as mais Nobres Famílias deste Reino, como se colhe de todo este volume, e se vê pela nota em frente etc. Braga 2 de Julho do ano de Cristo de 1835.»

Saibamos agora quem, real e positivamente, era este primo de cinquenta e três monarcas.

II

Nasceu António Manuel em 13 de Junho de 1794, filho de Joaquim Caetano de Antas de Vasconcelos e Castro de Goios Rego de Barbosa da Cunha, e de D. Maria Joaquina Teixeira da Costa. Já nasceu pobre, porque seu pai o era, em resultado de seu avô, grande perdulário, ter desvinculado e esbanjado os paços de Antas e suas pertenças. António Manuel deixou a casa paterna na flor dos anos, foi à corte procurar sua vida, e obteve em 21 de Maio de 1826 a mercê do hábito de Cristo, mercê que não seria em verdade um grande achado se ao mesmo tempo não topasse com ela o emprego de primeiro ajudante da secretaria dos Negócios do Reino.

Nesta lucrativa e honrada posição se entretinha o fidalgo, esgaratando ao mesmo tempo na Torre do Tombo em busca de jóias com que realçar o lustre das coroas reais e ducais que lhe reverberavam na frente.

Infelizmente, dava-se mal com a água de Lisboa e adoeceu. Deixou a capital, arrendando ou trespassando o ofício, e foi para o lugar de Coura, no termo de Monção, onde casou com D. Francisca Luísa Pinto Bacelar de Gondim, filha de Domingos Pinto, governador que foi de Monção, dama por igual ilustre e pobre.

Como qualquer mortal que não tivesse cinquenta e três monarcas na sua família, António Manuel atamancava mal sua vida, era a miúdo palpado pela mão adunca da miséria, e, para nenhuma entreaberta da esperança lhe sorrir, os filhos nasciam-lhe aos pares. Veríssimo e José nasceram juntos; Escolástica e Helena também. Não sei se é lapso do historiador de seus infortúnios, se realidade: o caso é dizer ele que sua filha Helena nasceu em 11 de Dezembro de 1829 e morreu em Setembro do mesmo ano! Se isto não é equívoco, não pode ir mais longe a original desgraça duma família! – morrerem as meninas três meses antes de terem nascido!

Apertado pelas privações, que a mudança de governo agravara, António Manuel lançou mão dos recursos literários de que se julgou ainda favorecido. Fez-se nomear mestre régio de primeiras letras em Braga, aí por 1835. Neste tempo e nos anos subsequentes até 1838, o mestre régio, nas poucas horas feridas do rapazio, escreveu

o seu *Aparato genealógico*, sabe Deus com que amarguras, curando assim de rebater as humilhações⁽⁶⁾ e vingar-se dos afrontamentos de sua ruim sorte.

Os contemporâneos e discípulos de António Manuel, segundo me informa o meu amigo João de Mendonça, afirmam que António Manuel vivia conformado com a miséria, como homem de bem e honrado de vez. Porém, a desgraça não levava mão dele nem o deixava respirar. Adoeceu-lhe a mulher e logo entreveceu. Daí a pouco enfermou ele, e no extremo desamparo pediu um catre num hospital onde expirou sem ver duas filhas, um filho, e a esposa, que lhe sobreviveram. Devia morrer novo, novo pela contagem dos anos, aí pelos quarenta e seis; mas provento pelo queimar e gear dos longos estios e longos invernos da desgraça, anos de muito arder e muito tremer, mas de primavera nenhuma.

Do leito de entrevada, D. Francisca Luísa resvalou facilmente ao combro de terra desconhecido pela curta ladeira das dores, das saudades e da fome.

Ficaram aí três filhos: Veríssimo, D. Ana e D. Escolástica.

Do filho não me dá novas o meu informador. Das duas senhoras escreve ele: «As duas filhas ainda existem, doentes, e vivendo de esmolas.»

Aqui tem a suma de história indescritível, porque é cerrada e monótona a desgraça, cadeia pegada do abismo sem intercadência de chão arrelvado, onde pousasse alguma ave de esperança vinda da parte do Céu, para onde os infelizes atiraram olhos e corações suplicantes.

Que António Manuel era homem de bem o está dizendo este manuscrito. Realista devia ele de ser entranhadamente, por legado de avós, e por interesses que a mudança de instituições lhe desbalizou. Pois vejam a prudência e circunspeção com que ele fala do Sr. D. Pedro de Bragança: «D. Pedro, Imperador do Brasil, veio com tropas estrangeiras, e com sua filha D. Maria da Glória, Princesa do Grão-Pará⁽⁷⁾, intitulou-se Rei de Portugal, ataca D. Miguel, que

⁽⁶⁾ Mais habitual do que «humilhação», naquele tempo. O dicionário de Moraes, por exemplo, define «humilhação» e remete para aqui, no verbete «humilhação» [nota do organizador].

⁽⁷⁾ À semelhança da 1.^a, a ed. Parceria regista «Grã-Pará» [nota do organizador].